filosofia
ciência&vida

ENTREVISTA
Edimar Brígido aborda Ética e Estética no pensamento de Wittgenstein

RENATO JANINE RIBEIRO
Ser de esquerda é um estilo de vida e não apenas uma posição política

ANO IX Nº 119 – www.portalcienciaevida.com.br

EDITORA escala

EXISTÊNCIA E DUALISMO
Vida como experiência subjetiva radical que está fora do alcance da razão

À ESPERA DE UM MILAGRE
HANNAH ARENDT: a capacidade humana de agir impulsiona novos inícios na vida política

A VOZ DO FEMINISMO
Submissão e violência contra a mulher: a necessidade de desnaturalizar elementos comuns desde a Grécia Antiga e que persistem na atualidade

EDIÇÃO 119 - PREÇO R$ 12,90
ISSN 1809-9238
9 771809 923005 00119

REFLEXÃO E PRÁTICA: Pode existir Ciência sem Filosofia?

Os delírios DA RAZÃO

Subverter o dualismo do pensamento racional tradicional possibilita o florescer de uma filosofia da existência que emerge, também, das manifestações sinestésicas do conhecimento

Quando Platão (428/427 a.C. - 348/347 a.C.) apresentou sua teoria das ideias, expôs um modelo que esclarece como se dá o conhecimento, isto é, como concebemos as teorias e formulações descritivas acerca de tudo que observamos. Trata-se de uma solução para um problema deixado por Sócrates (469 a.C. - 399 a.C.), ou pelo menos, corresponde a uma proposta para preencher uma lacuna não abordada pelo pensamento socrático.

Ao afirmar que o papel do filósofo é desenvolver um trabalho semelhante ao da parteira, ajudando as pessoas a fazer emergir um conhecimento que desde sempre se encontra nas profundezas de seu intelecto, Sócrates propõe a maiêutica como modo de despertar um saber que acompanha cada indivíduo desde o seu nascimento.

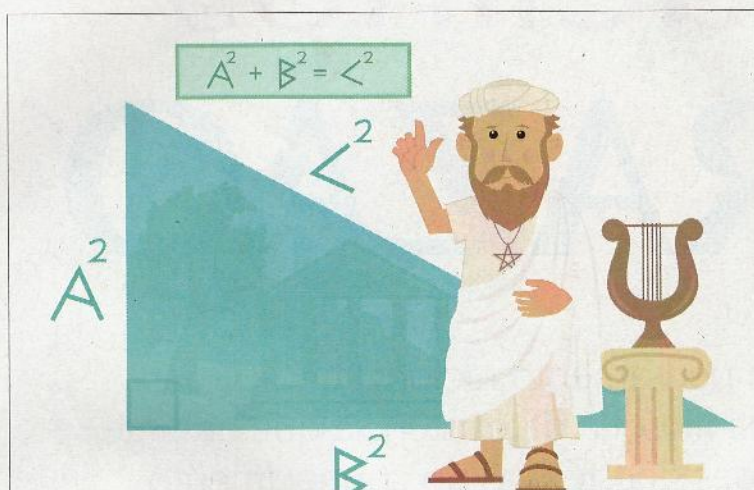
Mas como esse conhecimento foi parar na inteligência da pessoa? Sócrates não se ateve a esse pormenor e se preocupou mais com o trabalho do filósofo. É nesse ponto que Platão, seu aluno mais importante, entra em cena.

De acordo com Platão, todos nós somos seres infinitos que nos debatemos num processo doloroso de aprendizado e busca por libertação de um corpo limitado, uma verdadeira prisão, que produz sensações enganosas e não nos permite senão uma impressão inexata sobre as coisas com as quais temos contato pelos sentidos. Reconhecemos as coisas – essas, sim, perfeitas – porque já tivemos contato com elas antes de nascer, enquanto espírito, no mundo das ideias. E lá, esse contato não seu deu pelos sentidos, mas sim pela razão pura.

Assim sendo, Sócrates conseguia fazer com que seus interlocutores encontrassem respostas por si mesmos ao fazê-los rememorar um conhecimento que já possuíam, mas que estava adormecido na memória. E, o que é importante, a razão pura é o único meio seguro de acessar essas ideias.

Cristiano de Jesus é professor universitário e pesquisador com formação em Computação, Engenharia e Filosofia.

IMAGEM: SHUTTERSTOCK

ARISTÓTELES, ALUNO DE PLATÃO, EXPÔS SUA DISSENSÃO EM RELAÇÃO AO PENSAMENTO DE SEU MESTRE E DEFENDEU UMA VISÃO DIFERENTE SOBRE COMO DESENVOLVEMOS O CONHECIMENTO

O período histórico conhecido como helenístico é caracterizado principalmente por uma ascensão da ciência e do conhecimento

A missão primordial da Filosofia, contudo, seria guiar a razão em direção às ideias perfeitas.

Depois que Platão faleceu, Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), seu aluno mais proeminente, se sentiu mais livre para expor sua dissensão em relação ao pensamento de seu mestre e defendeu uma visão totalmente diferente sobre como desenvolvemos o conhecimento. Ele cria a "lógica", dissecando como se dá o raciocínio ao identificar operações mentais, entre elas, a "indução" e a "dedução".

Aristóteles demonstra como desenvolvemos ideias generalizadas ao termos contato com um universo múltiplo de coisas, ao mesmo passo que realizamos associações e resgatamos dessas generalizações atributos que nos permitem reconhecer as coisas. Assim, Sócrates não fazia despertar um conhecimento adormecido e adquirido em outras existências por meio de seu exercício de perguntas e respostas, mas sim estimulava as pessoas a identificarem ligações por semelhanças e a deduzirem respostas a partir de um conhecimento genérico que construíram progressivamente desde que nasceram.

Platão identificava a condição de existência autônoma e independente das ideias de modo que seriam acessíveis pela razão pura. Não é difícil entender porque os platônicos sempre deram tanta importância à Matemática, visto que o universo dos números e as operações possuem uma natureza e uma dinâmica próprias, independentes do mundo concreto, e por isso perfeitamente aderente à perspectiva eidética de Platão.

Aristóteles não via nisso senão operações mentais em direção ao entendimento, classificando-os entre aqueles que são de natureza física, que estão relacionados diretamente com a experiência; e de natureza metafísica, que é independente da experiência, como é o caso da Matemática. A partir dessa discussão conceituou também a noção de causalidade.

Por ter decifrado tais operações que se revelam instrumentos muito eficazes para a construção e sistematização do conhecimento, Aristóteles é comumente reconhecido até hoje como o pai de todas as ciências.

Poder-se-ia ventilar que a filosofia aristotélica teria eclipsado a filosofia platônica. Mas isso não é verdade. É importante observar que o pensamento de Platão não tem alcance limitado no âmbito da Epistemologia. O fundador da Academia de Atenas não apresentou apenas uma teoria sobre a natureza do conhecimento, mas desenvolveu a verdadeira expressão do que somos, concebeu um espelho por

IMAGENS: SHUTTERSTOCK

meio do qual podemos olhar e reconhecer a identidade em que se funda nossa condição humana, condição esta que orienta a noção dualista da percepção e entendimento das coisas.

A cultura e a filosofia grega da antiguidade possuía como uma das suas facetas a dinâmica da ação orientada por uma visão de estado ideal de coisas. Assim era a religião, a política, a moral, os esportes, a educação, etc.: uma busca a um estado de perfeição – pela vida boa, pela felicidade que se faz no respeito a princípios de valores absolutos e invioláveis.

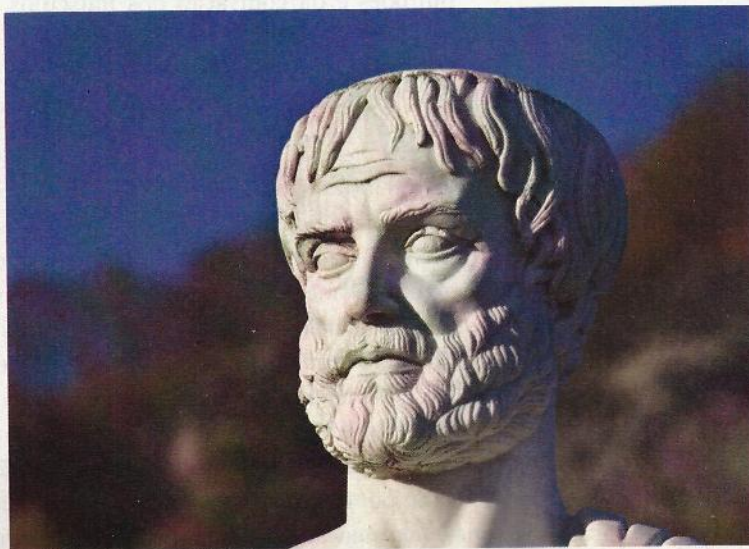
Não é de se admirar que a tragédia seja um produto legítimo do espírito grego. Ela expressa a persistente agonia das pessoas, que nessa busca incessante, veem seu tapete puxado pelo destino, a despeito de terem feito tudo certo, como manda o figurino.

Os filósofos do período helenístico perceberam que havia alguma coisa errada nisso. Provavelmente eles se perguntaram de que adiantou à Grécia ter criado a Filosofia e a Democracia, de que serviram os atos heroicos de seus generais e atletas, os mais elevados ideais de educação, justiça e verdade, se agora as cidades estão postas de joelhos, sob o domínio de um estrangeiro.

A *pólis* grega não era identificada como resultado de um processo histórico. Eram retratadas por Platão em *A República* e por Aristóteles em *Política* como a forma de um Estado ideal. No período helenístico, os filósofos perceberam a gravidade do delírio que gerou essas enormes construções metafísicas. Por isso se voltaram para a natureza e para uma vida em conformidade com as necessidades estritamente naturais.

Um dos episódios mais emblemáticos desse período foi a reprimenda de Diógenes (412 a.C.-323 a.C.) a Alexandre Magno (356 a.C.-323 a.C.) que interrompia a passagem dos raios do sol para dentro do barril que usava como morada. O filósofo não reconhecia os distintivos que a convenção social atribuía ao grande general, na verdade ele os desprezava. Vivia perambulando pela cidade zombando do tempo que as pessoas perdiam em banquetes, cerimônias e outras bobagens admitidas sem reflexão.

Os estoicos falavam de um sopro divino que movia todas as coisas, de modo que as pessoas nada mais eram que o prolongamento desse espírito. Esse sopro divino corresponde à própria natureza e tudo aquilo que hoje normalmente identificamos como suas leis. Não há porque se afligir pelos infortúnios ou se sentir feliz pela glória se não se tratam de eventos isolados mas sim parte de uma ordem, de um único movimento em direção a uma única finalidade.

É possível visualizar esse pensamento na ação de um nadador. A água, um fluído que envolve e se conforma de modo contínuo a qualquer corpo, acolhe o nadador na sua individualidade, seja ele alto ou baixo, gordo ou magro – o que seja. A resistência que a água impõe ao indivíduo exigindo dele força e

A Teoria do Conhecimento em Aristóteles segue a ordem da Metafísica

PLATÃO, provavelmente por ter testemunhado práticas do Culto de Mistérios Órficos, carregou na sua bagagem visões desse movimento religioso que era peculiar, na época, por defender a imortalidade das almas, as quais, entendia-se, eram submetidas a um círculo austero de sucessivas encarnações

capacidade respiratória é a mesma resistência que sustenta a condição hidrodinâmica para que se movimente e deslize. Nesse contexto não há dois entes de naturezas distintas em confronto, mas sim uma relação simbiótica de uma única natureza, de uma única existência, produzindo um movimento único.

Essa perspectiva helenística é de difícil assimilação e entendimento na atualidade, visto que as revoluções científicas e industriais conseguiram produzir uma tecnologia tal que, ao mesmo passo em que trouxe conforto e segurança, também trouxe distanciamento e artificialidade para o universo humano. Se está muito calor ou muito frio, há aparelhos que climatizam o ambiente, se é necessário realizar algum deslocamento, há veículos potentes para isso, seja na terra, água ou ar, e tantas outras dissimulações que foram imaginadas e materializadas pelo gênio humano.

Em seu trajeto, o nadador sofre a temperatura da água, percebe sua textura, visualiza o fluxo líquido e as bolhas de oxigênio conforme empurra a água com os braços, sente arrebentar borbulhas nos pés conforme os bate freneticamente, sente a dor do trabalho dos pulmões e da contração dos músculos. Em outras palavras, percebe sua relação íntima com o meio, suas fraquezas e capacidades, uma reciprocidade cada vez menos frequente no mundo moderno. A sensação prevalecente das pessoas é que elas são seres à parte da natureza, pois vivem em um mundo simbólico materializado, ajustável conforme o desejo.

Essa discussão avançou pelo império Romano e, na era medieval, os filósofos refletiram sobre os universais. As categorias seriam coisas existentes ou apenas palavras? Os renascentistas humanistas e iluministas alimentaram como nunca a energia das realidades metafísicas e propuseram todo um sistema político que persiste até hoje e que faz referência a uma ideia de sociedade que por meio das constituições federais e sistemas jurídicos chegam a representar na verdade um *projeto* de sociedade, que provavelmente nunca chegará a ser concretizado, mas que possui mais importância do que as próprias relações concretas.

Exceções a essa regra são principalmente Nicolau Maquiavel (1469-1527) e Adam Smith (1723-1790), que defenderam que a política e a economia, respectivamente, deveriam operar na faticidade das relações – isto é, as decisões não deve-

O essencial é invisível aos olhos

O diretor Mark Osborne e os roteiristas não tinham por objetivo reproduzir para as telas a magnífica obra de Antoine de Saint-Exupéry. O roteiro toma como ponto de partida a frase que está no livro e proclama "O essencial é invisível aos olhos". O filme narra em paralelo a história já conhecida do Pequeno Príncipe e a história de uma menina que possui uma rotina absolutamente regrada pela sua mãe, que tem mania de controlar tudo e vê a vida como uma trajetória de conquistas de objetivos institucionalizados pela sociedade – como por exemplo o sucesso profissional e acadêmico (mas, vale mencionar, este como forma de impulsionar aquele). As cenas exaltam o contraste dos dois mundos. Enquanto o universo da menina é praticamente monocromático, obedece a linhas e ângulos retos, o mundo do pequeno príncipe é tomado de cores saturadas e é cheio de vida. Enquanto os passos da menina são conduzidos por disciplina, agendas e obrigações, a vida na outra história se passa em meio a assimetrias e contingências que são inevitáveis a não ser que se refugie na artificialidade. Trata-se de uma experiência divertida para compreender as duas filosofias de vida e seus possíveis desdobramentos.

riam ser tomadas a partir de referências em princípios vagos e distantes como "verdade", "justiça", etc., mas sim com base no modo concreto com que as relações acontecem.

Platão possibilita que hoje possamos entender a natureza dualista da nossa percepção, ou seja, o fato de que a maneira como pensamos, tende a naturalmente separar conhecimento e mundo físico, de modo a fazer assimilar sempre a condição autônoma de ambas essas realidades, o mundo inteligível e a realidade física, como se fossem duas dimensões de substâncias diferentes.

DITAMES DA RAZÃO

A despeito do projeto dos iluministas de apresentar a ciência como contraponto ao pensamento teológico e metafísico, ao menos a ciência como resultado do pensamento iluminista não atende a esse perfil. Pelo ângulo da crítica ao dualismo não é difícil entender que religião e ciência são duas faces de uma mesma moeda. Fé e ciência compõem uma única paleta capaz de proporcionar não mais que uma transição de tonalidades de um único espectro de cores.

A religião considera como pressuposto a existência de um plano de condição unicamente espiritual, independente do mundo físico. De modo semelhante, grande parte daqueles que se ocupam da ciência, percebem o mundo ao seu redor como impregnado de conhecimento, tomando como sua responsabilidade o trabalho de capturar esse saber e expressá-lo em símbolos, seja como textos, números, imagens, gráficos, etc.

É fácil perceber isso quando ouvimos pessoas dizerem que Albert Einstein (1879-1955) não teria construído a Teoria da Relatividade, mas sim a descoberto. Corresponde à visão de que tal teoria estivesse em algum lugar e, de algum modo, o físico alemão teria conseguido sintonizá-la e depois a traduzido em equações e teorias.

A adaptação de *O pequeno príncipe* feita por Mark Osborne para os cinemas reforça o viés de crítica social, quando ironiza a busca obsessiva pela excelência e produtividade, em detrimento da imaginação, dos sonhos e da diversão

IMAGENS: SHUTTERSTOCK

A nossa própria linguagem cotidiana não deixa esconder o dualismo da visão que temos das coisas. Ao observarmos um móvel qualquer, podemos dizer, num exemplo hipotético, que ele tem dois metros e meio, ou seja, que o comprimento dele é de dois metros e meio. "Dele" é um pronome possessivo que expressa, nesse caso, que um atributo de medida, ou seja, o "comprimento", pertence ao objeto que estamos observando. Do mesmo modo que afirmamos que um elefante asiático possui três toneladas aproximadamente, ou que uma girafa mede em média cinco metros.

Entretanto, o fato é que se caísse um meteoro na Terra e a humanidade toda fosse extinta, os objetos não teriam mais comprimento, os elefantes não teriam mais peso, tampouco as girafas teriam alguma medida que identifique sua altura. Todos esses atributos, qualidades, etc., se perderiam junto com a raça humana.

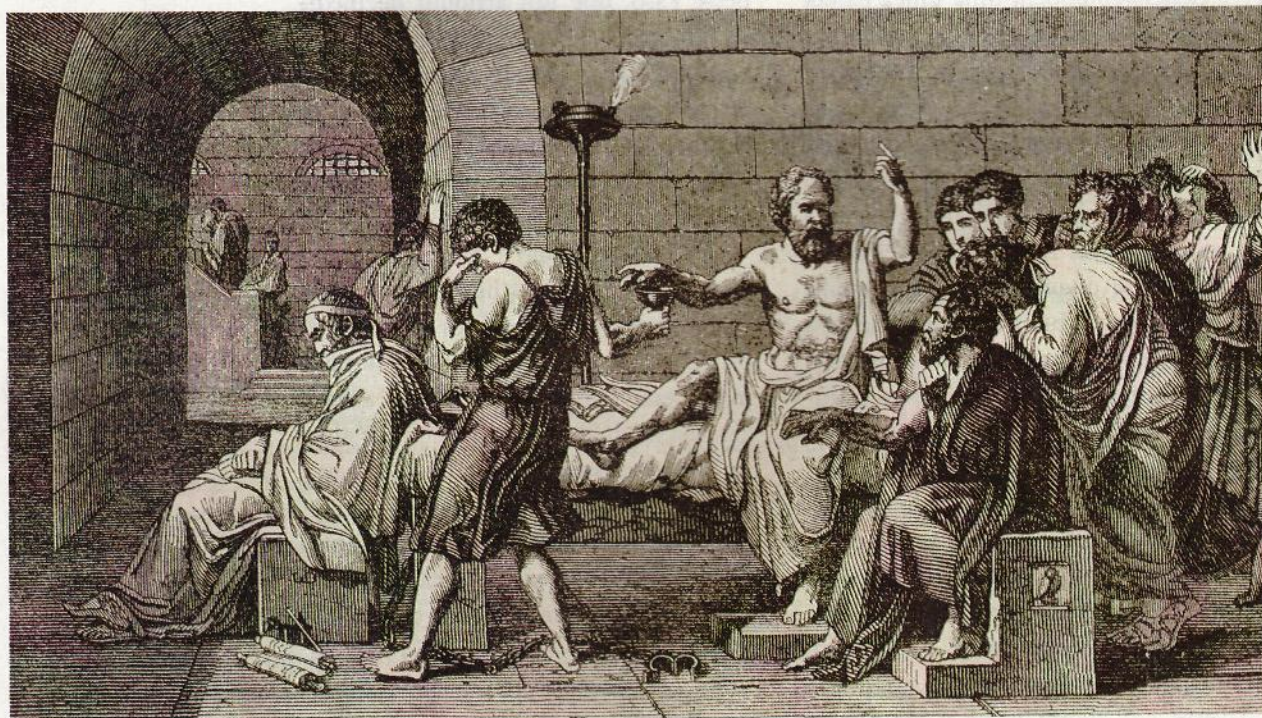
O elefante está pouco se importando para o quanto ele pesa. Isso não pertence a ele e nem à natureza. O peso do elefante está na mente humana, e não no elefante. Trata-se apenas de um instrumento que usamos para sobrevivermos, um modo de relacionamento com o meio.

A VISÃO DE QUE A NATUREZA SEMPRE OBEDECE REGRAS ABSOLUTAS E LINEARES – ISTO É, A UMA LÓGICA A QUAL PODEMOS ENTENDER E DESCREVER GERA TRANQUILIDADE AO SER HUMANO

Tudo isso revela também nossa obsessão pela simetria. Não basta criar uma versão simbólica do mundo físico. Ela também precisa ser perfeitamente simétrica, tudo precisa se encaixar, obedecer à lei universal de causa e efeito, ação e reação, e a tantos outros joguetes do raciocínio que não possuem outro objetivo senão dotar a realidade física de previsibilidade.

Dividimos os anos em 365 dias, os dias em 24 horas, criamos as estações do ano. Todavia, muitos não sabem que de tempos em tempos os relógios atômicos precisam ser deliberadamente acertados visto que esqueceram de dizer para a Terra que ela deve se movimentar "direitinho" em torno do Sol para que os nossos relógios funcionem bem.

Há quem diga que a sensação de previsibilidade é uma necessidade biológica relacionada à nossa necessidade de sobrevivência. O imprevisível (ou assimétrico, ou aleatório) é ameaçador, produz insegurança, quebra a rotina, gera medo. É confortável crer na condição determinística da natureza, ou seja, a visão de que a natureza obedece regras absolutas e lineares – isto é, a uma lógica a qual podemos entender e descrever.

Porém, é justo dizer que a ciência mudou muito a partir do século XIX. A comprovação por Henri Poincaré (1854-1912) da existência de sistemas não lineares, abriu as portas para a percepção

Sócrates é o exemplo maior do homem grego de sua época, que prefere a morte do que desobedecer os ditames de sua consciência

de que as teorias científicas podem não passar de expressão de um conhecimento convencional, no máximo um conhecimento útil para determinadas condições.

Thomas Kuhn (1922-1996) discorreu amplamente sobre isso apresentando o papel dos paradigmas no processo das revoluções científicas, assim como Karl Popper (1902-1994) também defendeu que uma teoria científica jamais deveria ser recebida como definitiva e como manifestação perfeita da verdade.

O problema é que essa discussão dificilmente tem capacidade de enfrentar o pragmatismo das ações ordinárias voltadas exclusivamente às necessidades imediatas. Nessa dimensão, importa se funciona, se responde bem às demandas de produção tecnológica. Possui condição de "verdade" se é aderente à dinâmica de instrumentalização. Sendo assim, a prática científica que escapa da órbita dualista, esta que por sua vez não fica longe de uma visão teologal, é acessível apenas a uma elite intelectual.

INSTITUCIONALIZAÇÃO DA VIDA

A propósito da vida cotidiana, vale mencionar que a partir do século XIX cresce exponencialmente a importância das organizações nas sociedades. São organizações, por exemplo, hospitais, instituições de ensino, entidades religiosas e qualquer iniciativa de atividade sistemática que exige a reunião coordenada de esforços para a realização de um certo empreendimento. São constituídas para serem eficientes a partir de regras e procedimentos. Diferentemente da maior parte dos outros sistemas sociais que são frutos dos processos históricos das relações, hábitos e costumes, as organizações são construídas a partir de um projeto racionalmente desenvolvido para alcançar um objetivo bem definido.

Elas possuem função reguladora na sociedade pois influenciam de maneira significativa o comportamento das pessoas. São referências também na formação dos valores e estão presentes durante todo o curso da vida – as pessoas nascem em hospitais, são registradas em órgãos públicos, são educadas em escolas, trabalham em empresas ou outro tipo de associação, consomem produtos e serviços produzidos e distribuídos por organizações, podem usufruir seu lazer a partir do entretenimento produzido por organizações ou em espaços administrados por elas e, por fim, geralmente morrem também em hospitais e têm todo o seu funeral e sepultamento executados por funerárias que também são um tipo de organização.

Não é difícil perceber que atualmente a vida é toda emparelhada pelas organizações, de modo que as ações estão submetidas a um nível excessivo de racionalização – a ponto de a racionalidade se tornar um tipo de irracionalidade, dado que o sujeito imerso nesse universo deixa de pensar e nada faz senão seguir procedimentos dados. Trata-se do mais alto nível de intensidade do processo de reificação das relações, haja visto que é difícil

Organizações sociais são instrumentos reguladores e normativos das ações humanas, reunindo um conjunto de regras e procedimentos que são reconhecidos pela sociedade

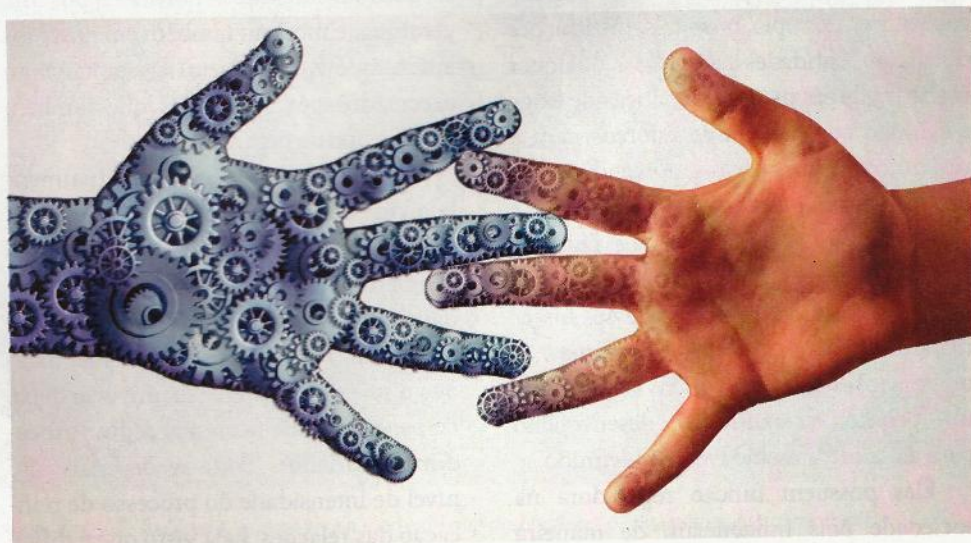
UMA SEQUÊNCIA DE INSTRUÇÕES QUE CRUZA DADOS PODE IDENTIFICAR TALENTOS DE MODO SEGURO? O COMPORTAMENTO PODE SER MODELADO NUM ESQUEMA QUANTITATIVO?

imaginar alguma atividade humana que não tenha virado um pacote de serviços para ser comercializado: televisão, cinema, música, celebrações, festas de aniversário, turismo, atividades esportivas e tantas outras práticas que hoje são conduzidas por organizações.

A reboque desse processo se desenvolveu a tecnologia da informação e os sistemas de informação. Os computadores foram adotados para melhorar ainda mais a produtividade e eficiência dos processos organizacionais; mas com o avanço da telecomunicação e o barateamento dos recursos, todo esse aparato técnico invadiu também a vida cotidiana. A vida se tornou passível de ser informatizada e virtualizada, ou seja, nossas ações são acompanhadas e conduzidas por algoritmos.

Um exemplo disso é a prática que se tornou padrão nos processos de seleção e contratação de profissionais nas empresas. Os dados dos candidatos são cadastrados em *softwares* que depois cruzam indicadores e variáveis que supostamente descrevem o perfil das pessoas por meio de preferências pessoais, hábitos, lugares que costumam frequentar, fotografias e até rastros eletrônicos de sites visitados e comentários registrados na internet – então, tudo isso é processado e o computador sugere o candidato perfeito.

Uma sequência de instruções que cruza dados é capaz de identificar talentos de maneira segura? O comportamento de uma pessoa pode ser perfeitamente modelado num esquema matemático e quantitativo? Essas questões são importantes, mas esses sistemas são criados a partir da perspectiva lógica, isto é, a partir da visão sobre como as coisas deveriam ser em termos de coerência. O problema é que a vida é complexa. Se não parece complexa é porque algum "sistema" a está reduzindo a uma linearidade que lhe é exterior.

Organizar (ou sistematizar, ou virtualizar) a vida é uma maneira de transformá-

As revoluções científicas e industriais impulsionaram avanços tecnológicos significativos para as sociedades ao mesmo tempo em que as distanciaram de sua humanidade

-la numa versão igual ao modelo do mundo das ideias. Só que ainda é uma versão *fake*, porque uma vida assim é construída à base da espoliação. Essa vida não passa de uma fantasia.

FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA

Uma linhagem importante de autores rejeitam o dualismo e promovem importantes reflexões sobre os delírios da razão. São autores comumente relacionados à Filosofia da Existência, como Arthur Schopenhauer (1788-1860), Soren Kierkegaard (1813-1855), Friedrich Nietzsche (1844-1900), Martin Heidegger (1889-1976), entre outros.

Como é esperado, todos eles se negaram a rotular seu pensamento. Eles não se identificam como existencialistas e rejeitam veementemente serem rotulados de tal modo. A teoria e o conceito para esses filósofos não passam de resumos de conhecimento. A vida é, na verdade, uma experiência subjetiva radical, e por isso está fora do alcance da razão. Ela deveria ser sentida ao invés de racionalizada, pois a existência jamais coincidirá com o conceito.

É comum erroneamente identificados como ateus. Esse é um outro exemplo da dificuldade de compreensão de uma filosofia que escapa dos sistemas de racionalização e categorias de classificação. Esses autores já foram acusados de terem matado a Filosofia justamente por não aceitarem a sistematização e privilegiarem a experiência subjetiva impossível de ordenação. É possível que quando Nietzsche afirma que "Deus está morto", se refira à prática religiosa institucionalizada. As pessoas estão cultuando uma versão racional do mistério, um personagem criado pela mente humana. Kierkegaard defende que essa relação é impossível de ser descrita, podendo apenas ser percebida em perplexidade. Se a humanidade não possui outra experiência religiosa que não seja aquela conduzida por uma teologia, então a experiência de relação de assombro do homem com o mistério não existiria mais.

Faz lembrar o helenístico Pirro de Élis (360 a.C. - 270 a.C.), que afirmava que a verdade é inalcançável e, sendo assim, a própria tese de que a verdade é inacessível deve ser colocada à prova; portanto, resta ao filósofo apenas o silêncio e a contemplação.

Entretanto, na Filosofia da Existência, é comum encontrarmos a deferência a pessoas das Artes como também autores da Filosofia. Se os sistemas racionais não podem expressar a experiência subjetiva radical, as artes podem fazer isso, seja por meio da música, dramaturgia, cinema, artes plásticas, fotografia, etc. A Filosofia está viva como nunca, mas é preciso superar a soberba da autosublimação, da supervalorização das capacidades intelectuais. É preciso acolher também como expressão filosófica as formas complexas e sinestésicas de manifestação. |filo

REFERÊNCIAS

BERLIN, Isaiah. **As raízes do Romantismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Temor e tremor**. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores).

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Petrópolis: Vozes, 2013.

Material complementar:

Filme **O pequeno príncipe** (2015).

NAS BANCAS!